



O CLUBE DOS PERDEDORES: ENTRE FEMINILIDADES E MASCULINIDADES NO FILME IT - A COISA

Leonardo Moura Campani¹
Thaís Dias Medeiros²

Resumo

Apresenta análise do filme "It" (2017) de Andy Muschietti, adaptação do livro de Stephen King, a partir da articulação dos Estudos Culturais com os Estudos de Gênero. Problematiza as construções de feminilidade e masculinidade com base nas representações das personagens do filme. O qual é compreendido como um dispositivo pedagógico onde se constituem e reproduzem discursos e práticas. Percebe-se que as personagens têm sua construção e desenvolvimento pautados em questões de gênero e sexualidade. Aponta-se que a produção discursiva dessas personagens são marcadas por discursos de feminilidade e masculinidade.

Palavras-chave: Artefatos culturais. Feminilidades e masculinidades.

Introdução


O presente trabalho analisa o filme "It" (2017) do diretor Andy Muschietti, adaptação do livro de Stephen King lançado em 1986, problematizando as construções de feminilidade e masculinidade a partir das personagens da obra. Neste intuito, situa-se na articulação dos Estudos Culturais com os Estudos de Gênero ao reconhecer o papel constitutivo da linguagem e a centralidade da cultura, e de seus artefatos, na produção de significados (HALL, 1997).

Desta forma, o filme aqui é compreendido como um dispositivo pedagógico que segundo Larrosa (1994, p. 57) é "Qualquer lugar no qual se aprendem ou se modificam as relações que o sujeito estabelece consigo mesmo.". Assim, em nossa sociedade midiaticizada, os artefatos culturais audiovisuais têm uma importância crescente na produção de marcadores como classe, gênero e sexualidade. Rosa Fischer (1997, p. 60) reforça essa ideia, defendendo que as mídias audiovisuais "[...] constroem significados e atuam decisivamente na formação dos sujeitos sociais.". No que tange às questões de gênero e sexualidade, as feminilidades e masculinidades são construções sociais que determinam e legitimam os modos de ser homem e mulher (MOLINIER; WELZER-LANG, 2009). E, nesse sentido, os sujeitos aprendem com os artefatos culturais, práticas e significados de gênero que constituem suas subjetividades.

¹ Pós-Graduando em Estudos Culturais em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, lmcampani@gmail.com.

² Graduanda em Biblioteconomia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, tmediros497@gmail.com.





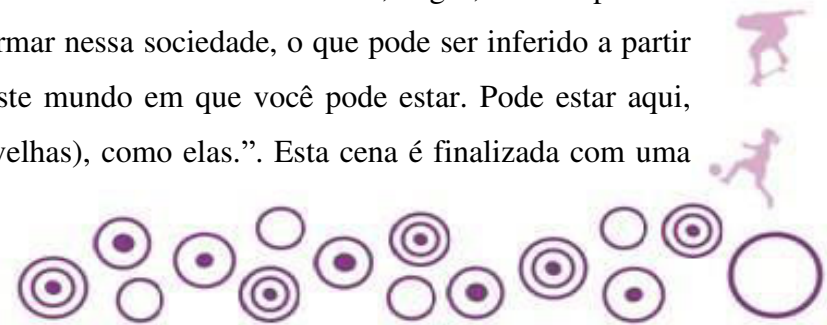
A escolha do filme “It (2017)” se justifica por dois pontos: a ampla repercussão e a possibilidade de a partir do enredo discutirmos questões relacionadas a gênero e sexualidade. Referente à repercussão, a obra recebeu inúmeras críticas positivas de especialistas e sua bilheteria superou a do clássico “O Exorcista (1973)” como o filme mais lucrativo do gênero de terror (FOLHA DE SÃO PAULO, 2017). Já relativo a sua trama, esta aborda a história de um grupo de sete adolescentes auto-intitulados “Losers club”, o clube dos perdedores, os quais na narrativa têm suas práticas de masculinidade e feminilidade demarcadas. E, se unem para enfrentar o palhaço dançarino Pennywise, antagonista que utiliza do medo das pessoas para se fortalecer e atacá-las, sendo o responsável por sumiços e assassinatos de jovens na pacata cidade fictícia de Derry.

Neste contexto, o presente trabalho recorre a ferramentas conceituais como feminilidade, masculinidade e sexualidade com o objetivo de problematizar a produção de significados e construções sociais generificadas identificando as representações das diferenças na produção discursiva do corpo.

Entre construções de masculinidade e feminilidade

Gênero é uma construção social e cultural sobre os sexos, como afirma Scott (1995, p. 75) é “[...] uma forma de indicar 'construções culturais' - a criação inteiramente social de idéias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres. Trata-se de [...] uma categoria social imposta sobre o corpo sexuado.”. Conforme Bauman (1998), na sociedade moderna com seus ideais universalizantes e totalizantes da condição humana, os estranhos e diferentes ao extrapolarem esses papéis considerados adequados tornam-se um erro a ser corrigido. Nesse sentido, aqueles que subvertem as normas de gênero e sexualidade “[...] se tornarão, então, os alvos preferências das pedagogias corretivas e das ações de recuperação ou de punição.” (LOURO, 2004, p. 16). Assim, a escola, enquanto instituição moderna que normaliza as diferenças é o local no qual as personagens são apresentados no filme. E, desde a primeira cena em que os jovens aparecem na narrativa é possível inferir construções de gênero e sexualidade.

Bill, enquanto protagonista, é apresentado como o padrão, como uma referência ao qual os outros personagens são comparados, representando, assim, o estereótipo dominante em nossa cultura, do homem branco, hétero e de classe-média. Mike, negro, orfão e pobre é retratado trabalhando e tendo que se afirmar nessa sociedade, o que pode ser inferido a partir da fala de seu tio: “Há dois lugares neste mundo em que você pode estar. Pode estar aqui, como nós. Ou ali (apontando para as ovelhas), como elas.”. Esta cena é finalizada com uma






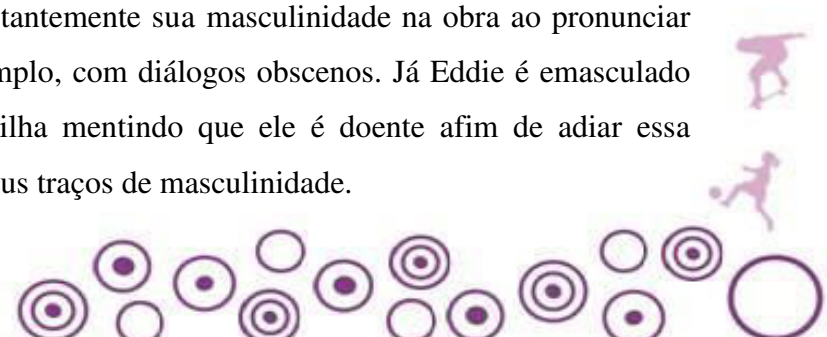
imagem de um rebanho de ovelhas saindo do abatedouro e seguida da cena de uma imagem de alunos saindo da sala de aula. O que faz uma comparação destes com ovelhas, ou seja seres que devem ser guiados e moldados.


Nesse contexto, as representações dos corpos dos outros personagens surgem como desviantes das normas de masculinidade. Uma vez que Stanley, “Stan” (o judeu), Benjamin, “Ben” (o gordo), Edward, “Eddie” (o hipocondríaco) e Richard, “Richie” (o hiperativo) são marcados por suas diferenças como perdedores, nerds e frágeis. E sobrepostos aos alunos que praticam bullying na escola, os quais são marcados por traços de masculinidade perante os outros, como força, virilidade e poder (CONNELL; PEARSE, 2015). Já a única personagem do sexo feminino, Beverly, “Bev” (a vadia), é sexualizada desde a primeira aparição.

Enquanto adolescentes, os personagens são representados a partir do discurso da psicologia do desenvolvimento, a qual naturaliza a adolescência como uma fase de transição da infância para idade adulta (FRANZI; ARAÚJO, 2018). Logo, na narrativa, todos passam por rituais e provas dessa transição, por exemplo, Stan explica para os amigos como funciona o ritual do Bar Mitzvah, que segundo sua fala é quando ele irá virar homem. Outro exemplo é o de Bev na cena da farmácia, confusa ao ter de escolher entre várias opções de absorventes íntimos. Sendo que ao voltar para casa com a compra é interpelada por seu pai se ela ainda é sua menininha enquanto ele acaricia o seu cabelo de forma sexualizada. E, aparentando medo, ela segue para o banheiro onde com uma tesoura corta o seu cabelo aos prantos com o objetivo de podar um de seus traços de feminilidade. O que se reforça em outra cena na qual seu pai pergunta o porquê dela ter cortado o cabelo, afirmando que ela parecia um menino.

Acerca disto, Louro (2004, p. 15) traz que ao declarar que é um menino ou uma menina se constitui um processo no qual se espera que se seja seguido e "[...] essa asserção desencadeia todo um processo de 'fazer' desse um corpo feminino ou masculino. Um processo que é baseado em características físicas que são vistas como diferenças e às quais se atribui significados culturais.". Portanto, o medo de demonstrar traços de feminilidade fica claro quando ela é assombrada pelo antagonista It por um banho de sangue misturado com seus cabelos cortados, o que representa os riscos de virar mulher, a partir da menstruação e feminilidade, trazem para ela. Destaca-se que ela é a única personagem entre os adolescentes que o medo é pautado por questões de gênero e sexualidade.

Richie, por sua vez, afirma constantemente sua masculinidade na obra ao pronunciar discursos pautados em gênero, por exemplo, com diálogos obscenos. Já Eddie é emasculado por sua mãe, que o controla e o humilha mentindo que ele é doente afim de adiar essa transição para a idade adulta ao tolher seus traços de masculinidade.





Por outro lado, Ben, afronta as normas de masculinidade através de seu gosto musical, ao ser flagrado por Bev escutando uma boy band da qual ele demonstra vergonha por se tratar de "coisa de menina". O que se repete na cena em que todo o grupo adentra o seu quarto e Bev o ajuda a esconder um cartaz da banda ao ver o seu desconforto, uma vez que isso poderia manchar sua masculinidade perante o grupo. Também pode ser considerado um traço de anormalidade perante a masculinidade de Ben o fato dele gostar de poesias, assim, quando ele envia um poema de amor para Bev, ele o faz de forma anônima. Tendo em vista que nesse discurso, o romantismo é considerado uma característica feminina, e, portanto, relativa à personagem Bev.


Neste contexto, Bev é disputada romanticamente por Billy e Ben e retratada como uma princesa que precisa ser salva por um beijo. O que se percebe, primeiramente, na cena onde no quarto de Bev a câmera dá destaque ao livro "O príncipe e o sapo", e, posteriormente, quando raptada por It ela só acorda do feitiço lançado por ele quando recebe um beijo de Ben. Sendo que durante a narrativa, Ben é construído como o sapo, o anormal em relação ao Billy. Portanto, a partir do filme é possível destacar a importância atribuída aos discursos de masculinidade em nossa cultura, pois, apesar de Ben agir como o príncipe que salva Bev com um beijo, esta escolhe Billy ao final, a personagem que vai ao encontro do discurso de masculinidade. Nesta perspectiva, Louro (2016, p. 52) afirma que a polarização rígida de características de gênero "[...] esconde a pluralidade existente em cada um dos polos. Assim, aqueles homens que se afastam da forma de masculinidade hegemônica são considerados diferentes, são representados como o outro é, usualmente, experimentam práticas de discriminação ou subordinação."

Considerações finais

A partir das representações e discursos do filme elencados no artigo foi possível pensar sobre o quanto os discursos de gênero e sexualidade, em um recorte de feminilidade e masculinidade, são naturalizados em nossos dias também nas mídias audiovisuais. Nessa lógica, se constrói uma "verdade" a ser seguida para que as pessoas sejam aceitas enquanto mulher/homem. Assim, percebe-se que os personagens têm sua construção e desenvolvimento pautados em questões de gênero e sexualidade. Tendo seus desvios quanto masculinidades e feminilidades marcados com negatividades e posicionadas como anormalidades em relação a padrões onde as normalidades são esses estereótipos.

Por fim, reforça-se que o objetivo do artigo não foi dar um sentido único ou esgotar as possibilidades de interpretação da obra, pelo contrário, o intuito foi problematizar e refletir

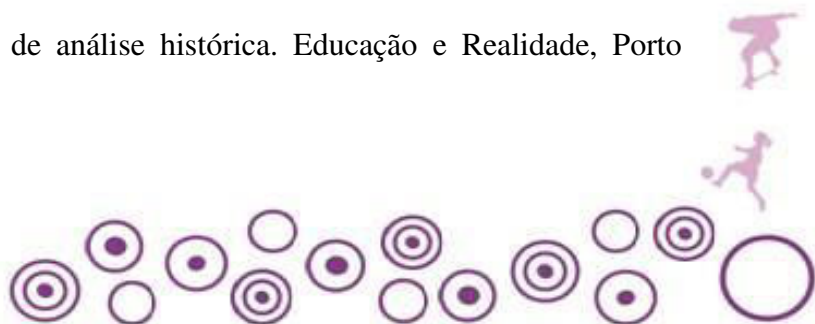




pontualmente sobre alguns processos de normalização presentes no filme e suas condições de possibilidade. Percebe-se a importância das representações e da linguagem na constituição de significados de gênero e sexualidade. E o quanto os artefatos culturais midiáticos e audiovisuais, entre eles o cinema, com seus dispositivos pedagógicos nos ensinam modos de ser e viver na Contemporaneidade.

Referências

- BAUMAN, Z. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- CONNELL, R.; PEARSE, R. **Gênero: uma perspectiva global**. São Paulo: nVersos, 2015.
- FISCHER, R. M. B. O estatuto pedagógico da mídia: questões de análise. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 22, n. 22, p. 59-80, jul./dez. 1997.
- FOLHA DE SÃO PAULO. **'It - A Coisa' supera recorde de 44 anos de 'O Exorcista' nas bilheterias**. São Paulo, 2017. Disponível em:
<<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2017/09/1920863-it---a-coisa-supera-recorde-de-44-anos-de-o-exorcista-nas-bilheterias.shtml>>. Acesso em: 29 abr. 2018.
- FRANZI, J., ARAÚJO, U. F. Adolescência e juventude: implicações do debate conceitual para a reflexão sobre as relações afetivas, amorosas e sexuais entre os jovens. **Notandum** 46 jan-abr 2018 CEMOrOC-Feusp / IJI-Univ. do Porto DOI:
<http://dx.doi.org/10.4025/notandum.46.6>
- HALL, S. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais de nosso tempo. **Realidade & Educação**, v. 22, n. 2, p. 15-46, jul./dez..1997.
- IT**. Direção: Andy Muschietti. Warner Bros, 2017. 1 DVD (122 min).
- LARROSA, J. Tecnologias do eu e educação. In: SILVA, T.T. **O sujeito da educação**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- LOURO, G. L. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- LOURO, G. L. **Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista**, Petrópolis: Vozes, 2016.
- MOLINIER, P.; WELZER-LANG, D. Feminilidade, masculinidade, virilidade. In: HIRATA, Helena et al. (Org.). **Dicionário Crítico do Feminismo**. São Paulo: UNESP, 2009. p. 101-106.
- SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

Catálogo na Publicação:

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas de Aguiar de Oliveira
Diagramação: Thomas de Aguiar de Oliveira

